

O MITO DA CAVERNA

Provavelmente nenhuma das metáforas já lançadas pela filosofia se compara com o Mito da Caverna, diálogo escrito entre 380-370 a.C., por Platão. Depois de quase 2.500 anos, é uma das mais perfeitas reflexões sobre a situação geral em que se encontra a humanidade.

Devemos imaginar um muro alto, separando o mundo externo e uma caverna. Na caverna existe uma fresta por onde passa um feixe de luz exterior. No interior da caverna permanecem seres humanos, que nasceram e cresceram ali. Ficam de costas para a entrada, acorrentados, sem poder locomover-se, forçados a olhar somente a parede do fundo da caverna, onde são projetadas sombras de outros homens que, além do muro, mantêm acesa uma fogueira. Conseqüentemente, todos julgam que essas sombras são a realidade do mundo em que vivem.

Entretanto, se um desses resolvesse se libertar dos grilhões e se se arrastasse para fora daquela caverna, num primeiro momento, ofuscado pelo sol, nada poderia ver. Com o tempo, ambientado, iria descobrir um mundo maravilhoso, totalmente oposto àquele que fora criado. Podemos imaginar a situação que se criaria se aquele que descobriu as maravilhas do mundo retornasse à caverna. Se contasse o que viu, com certeza seria motivo de chacota. Como todas as pessoas que criaram condições para as transformações da sociedade, seria considerado um louco.

Platão quis dizer que existem dois mundos. O primeiro, visível, é aquele em que se encontra a maioria da humanidade, que acredita ser verdade uma mentira contada várias vezes. O outro, da inteligência, é formado por poucos, que se libertaram das sombras da ignorância.

Sem dúvida, O Mito da Caverna diz respeito à educação ou à falta dela e nos leva a refletir sobre a necessidade de se insistir na socialização do conhecimento. Nos ensina que os detentores do conhecimento devem buscar o poder sem pressa, pois estes apresentam as condições para distinguir o visível do inteligível, a imagem da realidade, o falso do verdadeiro.